

SIMPÓSIO AT036

A VIOLÊNCIA EM TANGOLOMANGO: RITUAL DAS PAIXÕES DESTE MUNDO, DE RAIMUNDO CARRERO

COSTA, Eliene Medeiros
PPGEL-UFRN ¹
medeirosln@hotmail.com

RESUMO

Um dos aspectos inerentes à obra do escritor pernambucano Raimundo Carrero é a violência, presente também tanto na literatura quanto na sociedade contemporâneas. Nesse sentido, atentamos para o fato de que a violência faz parte da história do homem desde o seu surgimento, não se trata de uma característica presente apenas no contexto atual. A violência, em alguns momentos, deu-se para que o homem conseguisse sobreviver a um ambiente hostil, já em outros, se transformou numa forma dele se sobrepor a outros homens, através de discursos e normas de moralidade que deveriam ser seguidas por todos, mas que, geralmente, tendem a deflorar a individualidade e a identidade individual dos seres humanos. O objetivo do trabalho é investigar a violência ética no romance *Tangolomango: ritual das paixões deste mundo* seguindo o percurso narrativo traçado pela personagem Tia Guilhermina, observando como a violência permeia sua vida, seja através da relação incestuosa que mantém com o sobrinho Matheus, pelo estupro que sofre e pelo suicídio que comete, assim como pelo fato da personagem ter sua individualidade constantemente questionada pelos vizinhos. Parece-nos que a Tia, uma velha que nunca casara e que faz parte de uma família demarcada pela violência e pelo incesto é ao mesmo tempo vítima e algoz. Algoz porque seduz durante anos o sobrinho, da infância à adolescência, e vítima porque é uma personagem marcada pela solidão, pelo abandono e que se despede da vida com um suicídio, após sofrer um estupro num dia de carnaval no Recife. O trabalho, dentre outros, será norteado pelas discussões de Odália (2017), Butler (2015) e Candido (2007).

Palavras-chave: Literatura; Raimundo Carrero; Violência; Violência ética.

ABSTRACT

One of the aspects inherent in the work of Pernambuco born Raimundo Carrero is violence, present in literature as well as in contemporary societies. In this sense, we point out the fact that violence has been part of the history of humankind since its early days. It is not a feature present only in today's context. At certain moments, violence has occurred in order for man to be able

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sob a orientação da professora doutora Marta Aparecida Garcia Gonçalves.

to survive in a hostile environment. At other moments, however, violence has become a way to outdo other men by means of discourses and norms of morality that ought to be followed by everyone, usually with a tendency to break into the individuality and individual identity of human beings. The aim of this work is to look further into ethic violence in the novel *Tangolomango: ritual of worldly passions* by following the narrative course charted by the character Auntie Guilhermina, observing how violence permeates her life, be it through the incestuous relationship she has with her nephew Matheus, or the rape of which she was a victim and the suicide she commits, as well as the fact that this character's individuality is constantly questioned by her neighbors. It seems to us that Auntie, an elderly woman who has never got married and is part of a family marked by violence and incest, is at the same time victim and tormentor. Tormentor because she seduces her nephew for years, from childhood to adolescence, and victim because she is a character marked by loneliness and abandonment, and someone who gives up her life through suicide after she was raped on a Carnival day in Recife. This work, among others, will be guided by discussions in Odália (2017), Butler (2015), and Candido (2007).

Key words: Literature; Raimundo Carrero; Violence; Ethic violence.

1. A violência simbólica na vida de tia Guilhermina

O romance em estudo é ambientado no carnaval de Recife. Mostra um trágico dia na vida de sua protagonista, tia Guilhermina, uma vez que ela faz um *striptease* na fachada de um antigo cinema, é apedrejada por meninos na rua, é estuprada por um grupo de homens e, por fim, comete suicídio. Em seu percurso, transita por diferentes blocos de carnaval, do mais sofisticado ao mais simples. Do que representa a elite recifense ao que representa a parte da sociedade assinalada pela miséria: o bloco “O Cachorro do Homem do Miúdo”, formado por um tipo de vendedor ambulante. É um romance em que a violência é uma das temáticas mais relevantes.

Paviani (2016) menciona que o termo violência expressa o ato de se autovioliar ou de violar a outrem. Tende, portanto, a fugir do estado natural, e voltar-se a um “comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas” (PAVIANI, 2016, p. 8). Infringe algum tipo de dano ao outro, seja físico ou psicológico. Uma dessas formas de violação, segundo Judith Butler, diz respeito à violência ética. Que consiste em impor a outras pessoas aquilo que consideramos correto. Atitude que é comum à vida em sociedade:

“[...] não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm seu caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático” (BUTLER, 2017, p.18).

Dessa forma, não existe uma verdadeira individualidade, uma vez que as formas de pensar e de agir dos indivíduos são constantemente perpassadas por normas de conduta que regularizam seus comportamentos e modos de ser e estar no mundo. Segundo Butler (2015), um dos aspectos que contribuem para que o sujeito seja moldado pelas normas sociais, normas que tendem a padronizar a sociedade, é a opacidade. Que é entendida como a incapacidade dos sujeitos de se conhecerem por inteiro. As normas sociais, geralmente, ferem a individualidade dos sujeitos, constituindo-se assim como uma espécie de violência. Mas como estão agindo em consonância com determinadas instituições ganham o caráter de ética, de algo que tem o propósito de normatizar, de proteger a sociedade de “certas anomalias”.

Podemos perceber essa tentativa de normatização, no romance em estudo, a partir de discursos que questionam o estilo de vida e o estado civil de Tia Guilhermina.

Vivendo numa sociedade que dita normas, tia Guilhermina não as segue. É uma mulher solteira e independente que não se sociabiliza com os vizinhos, gosta de se maquiar, de se perfumar, de se vestir bem, de tocar piano. Isso a leva a um recorrente desrespeito, assim como suscita uma enorme curiosidade dos vizinhos em conhecerem/invadirem sua privacidade. De forma que ela é constantemente espionada por eles, tendo, portanto sua privacidade violada. Além disso, é vítima de insinuações maldosas e desrespeitosas quando sai à rua, como o exceto abaixo:

Venha, tia, venha tocar no meu piano. As teclas estão esperando. Daí a pouco, juntava gente, tia, muita gente para ver o homem apanhando da velha e rindo, rindo. Ela sem forças, sem violência, leve, bem leve, ela gritando palavrões e ele rindo, rindo. Todos riam muito, meninos, rapazes e senhores. Os meninos gritavam o apelido: puta de anjo! E diziam, e diziam. As moças, as mulheres fechavam os olhos para não ouvir. Fechavam os olhos.

[...] O homem que faz pouco apanhou de sombrinha dizendo Tia, isso aqui é a Câmara dos Comuns, quando a senhora passa todos os membros se levantam. [...] Facilmente percebia olhos curiosos entre as folhas das árvores, [...] deve estar recebendo homens nas horas quietas, festejadas pelo amor.

[...] E ganhara outro apelido, tia Malagueta (CARRERO, 2018, p. 576-577).

Percebemos que as mulheres, do bairro em que vivia, inventavam histórias sobre a vida dela e que não se compadeciam com a desmoralização que sofria. Como diz o narrador, “fechavam os olhos”. Há nessa ideia uma crítica à forma como algumas situações de injustiça, de descaso e de desrespeito são tratadas. Nesse caso, temos uma situação de convivência que é marcada por apelidos e discursos depreciativos e inescrupulosos que são destinados a uma mulher idosa: “*Venha, tia, venha tocar no meu piano. As teclas estão esperando*”; “*Tia, isso aqui é a Câmara dos Comuns, quando a senhora passa todos os membros se levantam*”; *puta de anjo; tia Malagueta*. Os quais são extremamente agressivos e invasivos no que diz respeito à individualidade e vida pessoal da personagem.

O narrador também mostra o desrespeito a partir da repetição dos verbos brincar, rir e dizer. Os dois primeiros dão a ideia de escarnecer, gracejar e o terceiro, de repetir, reafirmar. É perceptível também que ele não concorda com as agressões verbais proferidas contra tia Guilhermina. Isso pode ser percebido a partir da ideia de vulnerabilidade associada a ela.

Esse desrespeito também pode ser entendido a partir do pensamento de Bourdieu (2012), especialmente no que diz respeito ao conceito de violência simbólica, que segundo ele, consiste numa:

violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p.7-8).

Violência que passa despercebida e por isso é legitimada, reforçada, perpetuada e naturalizada por instituições presentes na sociedade como a Igreja e a família, por exemplo. Na obra, *A dominação masculina*, o pensador está especialmente direcionando essa violência simbólica ao domínio que o homem mantém sobre a mulher, a qual desde tempos ancestrais esteve à mercê dele. Domínio que ainda está presente na atualidade, ainda que de forma sutil e mascarada.

Essa dominação que prima pela castidade da mulher e por sua fidelidade e subalternidade ao homem justifica o desrespeito àquelas que não se adéquam a tal padrão. A ideia da dependência feminina ao homem está

entranhada, no romance, em discursos proferidos por alguns personagens e pela própria Guilhermina: “Gostaria de avançar e abraçá-lo, mas não fica bem uma mulher avançar sobre o homem, não é mesmo” (CARRERO, 2018, p. 630). Ideia que deixa claro que existem comportamentos que não são apropriados à mulher. Em outro momento, ela faz referência ao modo como foi educada: “Fazia o bolo Engorda Marido, que a mãe lhe ensinara desde a adolescência, as mulheres devem aprender desde cedo a cuidar dos maridos [...] Porque mulheres são para ter maridos, e os maridos são bem servidos nas refeições” [...] (CARRERO, 2018, p. 631). Mais uma vez percebe-se a ideia de que a personagem (mulher) precisa se adequar a determinadas normas, determinados papéis. E o principal seria casar e estar a serviço de um homem. Tia Guilhermina foi educada para isso, no entanto, teve destino diferente. Subverteu esse papel, e por isso é julgada e condenada pelos vizinhos. Ela também subverte as normas sociais ao manter uma relação incestuosa com seu sobrinho Matheus. O qual é filho de sua irmã Dolores com o próprio filho Jeremias.

2. O incesto

Matheus, personagem de sanidade mental duvidosa, é o protagonista do romance *O amor não tem bons sentimentos*. Veio morar com tia Guilhermina quando era recém-nascido. Na juventude é acusado de matar e estuprar a mãe, Dolores, e, a irmã, Biba. Por isso é preso e encontra-se prestes a ir a julgamento quando Guilhermina decide ir ao encontro de seu destino no carnaval recifense. No exceto abaixo se percebe um dos momentos em que a relação dele com a tia mais se aproxima da relação entre um casal de amantes:

Matheus desceu a mão e segurou-se onde pôde, tentou a pele no umbigo, no púbis e nas coxas [...] Ele ria, e ela ansiava, até que soltou um grito, enquanto a mão do garoto deslizava e deslizava, causando aquele estranhamento de corpo que se esvai. Vamos, meu filho, vamos, e ele entendia que era para continuar, a mãozinha terna e firme esfregando-se nos segredos, deslizando nas carnes atormentadas. [...] Estou com

vergonha de mim mesma, se afaste, vamos, nunca repita isso (CARRERO, 2018, p. 630).

Percebe-se nitidamente a sensação de prazer experimentada pela mulher e até pela criança. E ainda que ela demonstre sentir-se culpada, a prática de tomar banho juntos é perpetuada. Não há indícios de que a relação deles ultrapasse esse limite. Há um erotismo na cena, assim como, em outros momentos da narrativa, há a insinuação de que ela sente-se atraída sexualmente pelo sobrinho. Apesar dos comentários maldosos dos vizinhos, essa relação incestuosa não é condenada do ponto de vista do narrador. É mostrada como um ato que tem como propósito aplacar a solidão.

3. O estupro

Após fazer o *striptease*, e ter seus minutos de fama, tia Guilhermina resolve voltar a pé para casa. Em seu retorno é abordada por alguns jovens num carro que se oferecem para deixá-la em seu lar. No entanto, levam-na até um bar e quando ela sente-se mal e vai até o banheiro vomitar, eles a estupram:

A porta está aberta, arrombada. Ela grita e cai. Um homem agarra-a pela cintura. E, rapidamente, é segurada pelos ombros, sem que possa evitar o beijo na boca. Os dois rolam no chão sobre os papéis e ela ainda vomita, sujando-se. Sufoca. Não podia supor que ele fizesse aquilo. Era virgem, fora virgem. [...] Agora, só resta chorar. Mas nem assim tem tempo. Os rapazes entram e avançam sobre ela, um após outro, quase uma aposta, respirando a custo. O sangue na boca, no nariz, nos lábios, entre as pernas. E desmaia, desmaia, a vida escorrendo pelas veias, quase podendo dizer, e morria, e morria. Eles não terminavam nunca. E dizem aguenta firme, amor; aguenta firme. Cospem, gritam, dizem palavrões. Percebe-se em seguida, dentro do silêncio, no silêncio, no grande silêncio de quem é jogada num canto, entre papéis sujos, vômito, suor, atirada no abandono de um meio-dia entristecido (CARRERO, 2018, p. 620-621).

Neste trecho, o autor se utilizou de vocábulos que pertencem a um campo semântico similar para construir um cenário de violência (arrombada, agarra-a, força, avançam, gritam, cospem), de descaso (jogada num canto, atirada ao abandono), de impotência (cai, sufoca, desmaia, silêncio) e de imundície (vomita, sujando-se, papéis sujos, vômito, suor). Tanto a cena

construída, de forma bastante imagética inclusive, quanto o jogo semântico que é feito com as palavras mostram a supremacia do homem em relação à mulher, assim como a banalização do estupro que acontece em pleno dia no banheiro de um bar. O sentimento de impotência e de descaso em que ela se encontra também é marcado pelo vocábulo silêncio. O qual, apenas nesse trecho, é repetido três vezes, sendo retomado em outros momentos da narrativa. Silêncio que denota a dor, a impotência e a vergonha da personagem. Mas que pode também se referir ao fato de que outras pessoas fingem não perceber o que aconteceu.

4. O suicídio

Após ser estuprada, tia Guilhermina volta para casa humilhada e comete suicídio. Após sua morte, os vizinhos invadem sua casa: “Não foi sem espanto que um vizinho viu o corpo desta velha, desta mulher, pendurado num caibro, a corda amarrada no pescoço” (CARRERO, 2018, p. 642). O inusitado é que a morte dela, o suicídio, é totalmente ignorada pelos vizinhos, especialmente pelas mulheres. A invasão da casa dá-se com o propósito de desvendar os “segredos” da mulher. Reviram toda a casa: armários, gavetas, camas, jarros, panelas, fotografias e ignoram a morta: “E agora é apenas um corpo nu balançando na sala, o pescoço amarrado na corda, e os seios; os seios de tia Guilhermina, maravilhosos”. (CARRERO, 2013, p. 643). Os únicos que demonstram interesse são o narrador e o vizinho que encontrara o corpo, este ainda consegue ver sensualidade na mulher morta, os demais estão mais interessados na vida reclusa da personagem.

As suspeitas dos vizinhos não têm fundamento de acordo com Matheus, pois ele se lembra da tia como alguém que estivera sempre limpando a casa. As vizinhas, no entanto, o interpelavam com questionamentos sobre seu passado e a vida reclusa dela. O que nos leva a pensar que o que está em questão no romance é o desrespeito à individualidade alheia, o que é ainda mais enfatizado por tratar-se de uma personagem feminina.

5. Considerações finais

O romance *Tangolomango: ritual das paixões deste mundo* é perpassado pela violência. Apesar de o texto apresentar diferentes situações em que ela se apresenta de forma física, é no plano do simbólico que triunfa. Uma vez que as diferentes formas de violência que tia Guilhermina vivencia parecem estar interligadas a um conjunto de normas vigentes na sociedade representada na obra que tendem a julgar e colocar a mulher numa situação social de subalternidade. Em que o escritor constrói personagens que se utilizam de julgamentos maldosos e preconceituosos para fazer uma crítica à violência contra a mulher nos dias atuais.

6. Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogerio Bettoni. 1 ed; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 11ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CARRERO, Raimundo. **Condenados à vida**. Recife: Cepe, 2018.

ODALIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, M. R. (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf Acesso em 30. mai. 2019.